

Apoiar o equilíbrio fiscal é fazer jus à história do Plano Real

» ISNALDO BULHÕES
Deputado, líder do MDB na Câmara

Neste mês de julho, o Brasil comemora os 30 anos de lançamento do Plano Real. É um momento importante para a economia em que se discute o equilíbrio fiscal. Em 1994, o MDB teve papel crucial na votação da Medida Provisória do Real, apresentada pelo presidente Itamar Franco e a equipe econômica do então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

Naquela oportunidade, o MDB (então PMDB) contava com maior bancada na Câmara. Quatro anos antes, havia eleito 108 deputados. Por esse motivo, na distribuição de relatorias, cabia ao partido assumir o papel de produzir o relatório de propostas a serem transformadas em lei. Para relatar a MP do Real, o então líder do MDB na Câmara, Tarcísio Delgado (MG), escolheu, num primeiro momento, o deputado Gonzaga Mota (MDB-CE). A condução dos trabalhos não foi como esperado devido à contaminação do processo por conta da eleição naquele ano. Ao lançar o Real, no começo de 1994, o ministro Fernando Henrique (PSDB) figurou como presidencial — se desvinculou do cargo em março. Setores da oposição disseram que o plano era eleito-reiro. Essa narrativa causou divisões no MDB.

O texto só não passou porque o MDB ajudou o governo a neutralizar a votação do texto de Gonzaga no Congresso. Isso permitiu que a equipe de FHC fizesse uma nova MP para que o projeto original do Real fosse retomado. Mesmo diante do cenário favorável à candidatura do PSDB, o MDB focou na questão fundamental: a chance de acabar com a inflação.

Na sequência, o líder emedebista Tarcísio Delgado, um parlamentar que sempre privou da confiança do presidente Itamar, indicou o deputado Neuto de Conto (MDB-SC) como relator da MP 457. Neuto fez um trabalho brilhante como relator. A medida provisória foi aprovada pelo Congresso. O MDB, mais uma vez, cumpriu seu papel na história do país.

Hoje, no MDB na Câmara, nossa ação não é diferente. Somos colaborativo-propositivos em relação ao atual governo. Sabemos, em especial, que precisamos ajudar com a equipe econômica liderada pelo ministro Fernando Haddad,



da Fazenda, e Simone Tebet, do Planejamento.

Nesse sentido, o MDB da Câmara se empenhou, nos últimos dias, para acelerar a regulamentação da Emenda Constitucional 132, da Reforma Tributária, cuja PEC 45 é de autoria do presidente da legenda, Baleia Rossi. Votada no fim de 2023, num esforço do parlamento, a proposta garantiu reduções e isenções de impostos. Na última quarta-feira, a Casa aprovou o principal projeto complementar da reforma, que estabeleceu um limite de 26,5% para a alíquota padrão, na soma da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS).

Como no tempo do Plano Real, deputados da atual conjuntura, do MDB e dos demais partidos, consideram a manutenção da estabilidade econômica fundamental para a melhoria da renda e da oferta de emprego, uma base do sistema democrático. Em artigo no Poder 360, o presidente do MDB, Baleia Rossi, escreveu que o país precisa de cuidado dobrado com as contas públicas. A bancada da legenda na Câmara mantém o foco nessa bandeira histórica.

Há um estigma de que temos um governo gastador. O parlamento e o país estão atentos ao apetite voraz da máquina de impostos. Mas,

é preciso reconhecer, o governo tem feito ações que buscam o equilíbrio fiscal, para compensar perda com desoneração da folha, e dinamizar a economia. Às vezes, gasta mais. No entanto, não reprou a apreciação de mudanças na Previdência, acelerou a reformulação do Bolsa Família, levou à frente o Pé-de-Meia, um incentivo a estudantes. É preciso reconhecer, sobretudo, o trabalho conjunto da equipe de Haddad e da base governista para concluir as mudanças no sistema tributário.

Quando fui relator da medida provisória da reestruturação dos ministérios, meu desafio era preservar as contas públicas. Houve a decisão de recriar ministérios para garantir políticas públicas necessárias, mas com a preocupação de não aumentar o gasto. Isso é austeridade. A radicalização política, de um lado e do outro, torna mais difícil o trabalho de busca de consenso. No entanto, mesmo diante do extremismo, há espaço para a negociação. Com a regulamentação da Reforma Tributária, os deputados, em seu conjunto, retomam o protagonismo de liderar o processo necessário de aprovação de propostas para agilizar o investimento da iniciativa privada e a melhoria de renda e emprego.

IA acerta se existe vida depois da morte

» ARNALDO NISKIER
Membro da Academia Brasileira de Letras

Pesquisando a vida de cada um de nós, a inteligência artificial (IA) poderá dizer, numa proporção de 78%, quantos anos teremos pela frente ainda pertencendo ao reino dos vivos. Esse modelo de algoritmo foi pesquisado por especialistas dinamarqueses. O estudo foi publicado na revista *Nature Computational Science*.

Já se sabe que será possível conversar com os mortos (isso ficou provado). Estudando a vida de 6 milhões de pessoas, entre 2008 e 2016, incluindo rendimentos, profissão, residência, operações feitas e gravidez, quando era o caso, o life2vec, desenvolvido por especialistas da Universidade Técnica da Dinamarca, chegou a acertar aspectos essenciais da existência de cada pessoa, incluindo formas de pensar, sentir e se comportar. O período mais difícil de prever é entre 35 e 65 anos. Acontece muita coisa imprevisível.

Para registro dos seus acertos, os pesquisadores escolheram 100 mil pessoas, em que só a metade sobreviveu. Pessoas do sexo masculino tinham maior probabilidade de sobreviver. Ocupar uma posição de gestão ou ter um rendimento muitas vezes empurrava as pessoas para a coluna da “sobrevivência”. As pesquisas continam em busca de maior precisão nos resultados. O curioso é que isso leva a tomar decisões sobre apólices de seguro, por exemplo, o que é bastante natural.

No Brasil, o estado de São Paulo avança

nesses estudos. Escolas começam a corrigir redação com IA, inclusive textos (e não só pergunta e resposta). Não são só erros gramaticais e ortográficos. Critérios como coerência, argumentação, adesão ao tema, entre outros, são também considerados. A correção é encaminhada diretamente ao professor, que pode validá-la ou modificar o seu valor, a seu juízo. Via IA, ele pode inserir comentários ao longo do texto. Assim, a Secretaria de Educação vive a expectativa de que se reduza o tempo de correção da redação, o que é um ganho.

Não há dúvida, hoje, de que a inteligência artificial vai gerar um inequívoco aumento de produtividade. Isso vai mudar a maneira como as empresas trabalham. Já existe o uso acelerado de ChatGPT. Será uma utilização mais lenta do que o imaginado, mas vai acabar funcionando. Vamos unir engenharia e automação, sem a ideia de fazer tudo ao mesmo tempo. Uma coisa de cada vez, com o uso parcelado de dados, informações e aplicações.

É preciso saber como a tecnologia será usada. O desafio é conhecer novas tecnologias. E construir uma cultura organizacional. Há o convencimento de que as coisas vão mudar, mas não será de imediato. Conseguir talentos ou fazer uma requalificação são elementos que demandam tempo, e é preciso que haja paciência. As empresas não podem se deixar levar pelas dificuldades. Não é o caso de substituir os seres

humanos. Usamos os dados para alimentar os sistemas, procurando evitar os erros costumeiros no processo.

Lidar com novos métodos de trabalho é um processo feito em cima de dados que levantamos. A maturação da IA ainda deve durar um tempo, mas é certo que o uso da tecnologia vai gerar ganhos operacionais e de receita. Sabe-se, entretanto, que nem sempre as grandes empresas estão preparadas para as necessárias transformações. As modificações deverão levar pelo menos dois anos, para além da atual excitação que se registra.

Por outro lado, como demonstram os chineses, sistemas de leitura e compreensão de texto que imitam o funcionamento do lado direito do cérebro já se encontram em pleno funcionamento. Chips de silício operam de modo muito diferente de neurônios. Liderados pelo linguista Andrew Li Ping, da Universidade Politécnica de Hong Kong, foram criados dois sistemas de IA similares ao ChatGPT, submetidos a testes de leitura.

Procurava-se a estrutura de raciocínio de software mais similar à de humanos. Avança-se, assim, na produção de insights sobre como funcionam as mentes humanas. Assim se pode comparar o funcionamento de máquinas e pessoas. A IA começa a pensar no nível de frases, não apenas palavras. Trabalhar com sentenças foi essencial para o desenvolvimento do processo.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Poluição visual

É sabido que uma das formas de poluição que mais atentam contra a saúde humana e mais deterioram a qualidade do ambiente das cidades é a visual. Não por coincidência, as cidades que ostentam elevado índice de poluição visual são também aquelas que apresentam os indicadores de violência mais altos, de caos urbano e de doenças de todo o tipo.

A poluição visual, sendo um fenômeno eminentemente moderno, é considerada uma praga a adoecer os centros urbanos, principalmente nas cidades do terceiro mundo, e, por isso, se constituindo numa marca característica de cidades degradadas e sem controle.

As novas tecnologias de painéis eletrônicos, que podem ser vistas nas empenas cegas dos edifícios e em painéis espalhados em áreas de grande trânsito de pessoas e veículos, elevou a poluição visual a um status jamais visto. Hoje, é impossível você caminhar sem se deparar com essas televisões gigantes apresentando todo o tipo de propaganda. Trata-se de uma comunicação exacerbada e cada vez mais sem controle, enfeitando as cidades e contribuindo fortemente para a degradação na qualidade de vida de seus habitantes.

Para onde quer que o indivíduo olhe, lá está um anúncio, uma placa, um pôster, um banner, cartazes, pichações, fios elétricos emaranhados e todo o tipo de sujeira, lixo, entulhos a anunciar, aos quatro pontos cardeais, que as cidades, assim como seus habitantes, estão seriamente doentes. Brasília não está fora dessa praga moderna e, a cada dia, mais e mais poluição visual é vista em nossas ruas.

No caso da área tombada pela Unesco, essa situação é por demais danosa para a população e para os brasilienses. Caso essa honraria seja revista e anulada, situação que é cada vez mais provável, a tendência é de que a poluição visual, que hoje já é excessiva, passe a tomar conta de todos os espaços possíveis, para o bem de poucos e para a infelicidade de muitos.

De acordo com a Teoria das Janelas Quebradas, quanto mais poluição visual, mais abandono, mais degradação urbana e mais violência. Agora, com o chamado Plano Diretor de Publicidade do Plano Piloto, mais uma vez, Brasília, com sua área tombada, corre o risco de se transformar em um exemplo de cidade em rápido processo de decadência.

O grupo de trabalho encarregado de apresentar parecer sobre esse plano é formado apenas por órgãos do GDF, como a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), o Instituto Brasília Ambiental, o Metrô-DF e o Departamento de Estradas e Rodagens (DER-DF). Caberiam nessa discussão também as entidades de defesa do patrimônio, do Iphan, dos arquitetos e urbanistas e do próprio escritório representante de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, além, é claro, da população.

Deixar uma questão dessa importância apenas nas mãos do GDF não parece ser uma boa solução. Existe hoje uma unanimidade entre arquitetos e urbanistas de que a área tombada deveria ficar totalmente livre de toda e qualquer poluição visual, seja ela publicitária ou não, seguindo o exemplo de outros sítios tombados pelo mundo afora.

»A frase que foi pronunciada:

“O ar, quando não é poluído, é condicionado.”

Jô Soares

Valor

» Turzó Sándor, da Romênia, nos envia uma foto da cédula romena de 5 RON. Foi feita em homenagem ao músico e compositor George Enescu (1881-1995) e traz figuras musicais, imagens nunca vistas antes em papel-moeda. Notas de outros valores são homenagens a Nicolae Iorga (escritor e historiador), Nicolae Grigorescu (pintor), Aurel Vlaicu (engenheiro e piloto), Ion Luca Caragiale (dramaturgo), Lucian Blaga (escritor e filósofo) e Mihai Eminescu (poeta).

Tempos inocentes

» Por falar em valorizar a cultura, foi em 2009 que o ministério de Juca Ferreira distribuiu panfletos pedindo apoio aos parlamentares que “votam pela cultura”. À época, a oposição protestou afirmando que era uso indevido de dinheiro público.

Longa jornada

» Foram quase 15 anos desde a primeira audiência pública na Comissão de Direitos Humanos na Câmara para chegar à políticas públicas voltadas para os autistas.

»História de Brasília

Antigamente havia um “Viscount” da Vasp que saía de S. Paulo e ia até Recife. Depois, aumentaram a linha até Fortaleza. Depois, cortaram. Restabeleceram novamente e, agora, cortaram outra vez. A criação de uma linha pela DAC deve ser resultado de estudos de mercado, de possibilidades, com lucro, ou uma linha de prestígio para uma empresa. O que passageiro não pode é ficar à mercê das empresas com a criação e os cortes constantes de linhas. (Publicada em 11/4/1962)